



Contos de fadas do mundo inteiro no toque das mãos

Claudeni Amélia do Nascimento Souza
.....

1. Justificativa

Há alguns anos leciono para turmas do 5º ano, mas neste ano de 2015 estou com uma turma não muito comum para essa série. A maioria dos alunos ainda fazia uma leitura simples e fragmentada, sem contextualização e sem significado, não sendo capazes de interpretar o meio em que estavam situados através da leitura.

As dificuldades eram perceptíveis na escrita: trocavam letras, faziam divisão silábica erroneamente, reproduziam na escrita a maneira como falavam, ou seja, com omissões de letras, por já conhecerem parte da palavra como vocabulários autônomos.

Esse quadro me trouxe inquietação e me fez questionar os caminhos pelos quais eu poderia percorrer para proporcionar possibilidades de letramento a essas crianças do 5º ano, da Escola Classe 20, de Ceilândia, no Distrito Federal.

Outra singularidade da minha turma era o fato de ser formada por apenas quinze alunos e ter duas crianças com deficiência visual (DV) e uma com baixa visão, as quais necessitavam das mesmas intervenções que as demais, mas careciam de atenção especial.

Diante dessa realidade, dessa singularidade e dessa complexidade, eu não poderia ficar inerte de forma alguma. Por isso, decidi trabalhar com contos de fadas, um gênero literário acessível tanto às crianças DV e de baixa visão como às demais e que de maneira simples, mas surpreendente, introduziria as crianças no mundo da escrita e da leitura. Escolhi o conto de fadas também por ser um gênero já trabalhado pelos alunos nas séries anteriores, isso faria que eles se sentissem mais

familiarizados com as características e não tivessem dificuldade de se aprofundarem no gênero e no letramento que os contos traziam. Além do mais, os contos de fadas são narrativas cuja história parte de um motivo principal e transmite conhecimento e valores culturais.

Eu queria proporcionar aos alunos um momento de crescimento e interação diante da percepção de mundo que cada um deles tinha. E também por concordar com os pesquisadores que adotam o conceito de letramento e acreditam que “a língua não é apenas código de transposição da fala para a escrita, nem é apenas sistema de representação da fala na escrita, nem apenas sistema de normas e regras para bem escrever. Língua é principalmente discurso, isto é, o conjunto de nossos diferentes modos de dizer, de nos comunicarmos em todos os momentos da vida, sem exclusão de nenhum deles” (Cenpec, 2015).

Utilizei, além do nosso alfabeto convencional, o braile, por ser um código acessível aos alunos com deficiência visual, que é utilizado a partir de outros sentidos, dando um caráter multimodal para o projeto. Fiz com que contos do mundo inteiro contagiassem os alunos, levando-os a lugares fantásticos e possíveis de ser conhecidos por meio da escrita e da leitura, com o toque das mãos.

Para finalizar o trabalho, pretendo produzir com os alunos um audiolivro, para compartilhar tanto com crianças DV e de baixa visão como com aquelas que não apresentam nenhuma dificuldade visual.

Objetivos

- proporcionar aos alunos momentos prazerosos de leitura, tanto de forma coletiva e participativa quanto individual, por meio de 52 contos que serão escolhidos e circularão dentro da sala de aula;
- promover vários momentos de escrita, com a correção coletiva de textos, a reescrita individual e coletiva de contos;
- interligar a leitura e a escrita com outros conteúdos, como geografia, com o conhecimento de contos de vários continentes; matemática, com a confecção de gráficos; história, com o conhecimento de algumas características dos países mencionados; artes cênicas, com a produção do audiolivro;
- analisar e apreciar a estrutura de um texto com base na formação dos parágrafos, sequência de ideias e características do gênero;
- abordar com os alunos, nos contos estudados, nomenclatura e conceitos de alguns termos gramaticais, como: substantivos e adjetivos, discursos diretos e indiretos;
- aprofundar as relações entre fala e escrita, oralidade e letramento, nos vários textos lidos;
- produzir um audiolivro para compartilhar com outras crianças;

- promover a escuta orientada parcial ou integral de diversos textos, no processo de análises dos textos que serão gravados.

2. Fundamentação teórica

Em uma das aulas, iniciei uma conversa perguntando se os alunos conheciam contos de fadas. Todos, com euforia, disseram que sim e começaram a mencionar características daquilo que eles entendiam ser um conto. Eles até mesmo mencionaram alguns contos de fadas. Disse que para aquela semana eu havia separado na biblioteca alguns textos para que eles pudessem ler e recordar. As crianças, então, individualmente, escolheram os livros e leram. Depois disso, dividiram-se em quatro grupos e compartilharam o que haviam entendido da leitura.

Os alunos escolheram o conto de fadas que seria compartilhado com toda a turma. Para minha surpresa, nos quatro grupos a fábula escolhida não era conhecida pelos alunos: *A Polegarzinha*, *O Pequeno Polegar*, *O Gato de Botas* e *Rouxinol*.

Com esse gancho, propus descobrirmos outros contos de fadas que ainda não conhecíamos e os lugares onde poderíamos encontrá-los? Uma criança mencionou que se poderia achá-los em outros países. Instiguei a classe perguntando como seria um conto de fadas da China e um aluno respondeu que com certeza deveria ter dragões, pois os chineses gostam desses bichos. Contos de fadas da Grécia deviam ter deuses; do Egito, múmias; da África, as princesas seriam negras e haveria muitas histórias como a do curupira, que já conhecíamos.

Com essas respostas, quem ficou eufórica fui eu. Era exatamente o que eu estava propondo no projeto: conhecermos um pouco de cada país e sermos contemplados com essa multiculturalidade.

Depois de mais algumas trocas de ideias, coloquei-me à disposição para trazer novos contos.

Através de uma pesquisa minuciosa, deparei-me com o livro *Volta ao mundo em 52 histórias*, riquíssimo, não apenas pelos contos, mas pelas curiosidades e informações sobre a origem das histórias que ele apresenta. Isso iria possibilitar aos alunos fazerem suas próprias pesquisas sobre os países. Também montaríamos um mapa-múndi no qual destacaríamos os países que têm seus próprios contos, o que seria enriquecedor para todos nós.

Primeiramente, trabalhei a estrutura do texto que eles haviam reescrito, depois que o leram, de forma coletiva. Em seguida, conversei com cada aluno sobre a produção realizada. Nesse momento não quis me aprofundar, pois os textos, na verdade, eram apenas uma introdução do projeto, as histórias não fariam parte do audiolivro.

Nas aulas que se seguiram, dividi a turma novamente em quatro grupos e tomei como base o já citado livro *Volta ao mundo em 52 histórias*. Assim, cada grupo quis ler as dez ou catorze histórias que cada seção apresentava. Isso não porque a leitura de todos os contos tivesse sido uma exigência, mas por interesse dos alunos em conhecê-los todos.

Devido ao grande envolvimento dos alunos com o livro, o problema da dificuldade de leitura, aparentemente, havia sido superado, com algumas soluções encontradas por eles mesmos, por exemplo, a criança mais fluente do grupo na leitura lia a história. De quatro em quatro dias, quatro crianças levavam o livro para casa, onde poderiam ler com mais calma, mostrar para os pais, que até poderiam fazer uma avaliação. Quando traziam de volta para a escola, eu me tornava leitora-modelo das histórias mais apreciadas e incentivava que outros alunos também as ouvissem. Dessa forma, mesmo com a dificuldade de leitura, os alunos se apossaram de textos diversos, a maioria deles longos.

Quando eu percebia que um dos contos era mais mencionado em sala, eu fazia a proposta de reescrevê-lo com as nossas palavras, e dessa forma, em alguns momentos, produzíamos textos individuais, em duplas, coletivamente na lousa ou apenas orais.

Em algumas ocasiões eu me tornava professora-escriva, pois as crianças se preocupavam apenas com as ideias e eu ia estruturando o texto com os parágrafos, a pontuação e a grafia corretas das palavras, dando assim mais liberdade às crianças de se concentrar apenas nas ideias. E a cada parágrafo, a cada pontuação ou expressão usada, eu ia mostrando às crianças o motivo pelo qual os havia usado.

Em cada leitura, de forma espontânea ou às vezes programada, fazíamos a análise dos textos, lidos ou escritos. Algumas vezes as próprias crianças se encarregavam dessas correções, pois, com muita propriedade, elas conheciam as histórias que os colegas haviam escrito e assim podiam fazer a correção dos textos juntamente com o colega e discutir a melhor estrutura.

Quando líamos os contos, comparávamos um conto com outro e observávamos os parágrafos e como eles foram estruturados, sem falar na análise escrita de alguns contos, em que observávamos questões gramaticais e características do gênero.

A condução do estudo das características do gênero está baseada na conversa sobre a história lida, além de localizar no conto alguns aspectos:

- situação inicial;
- a suposta época do enredo;
- personagens principais;
- lugar em que se desenvolve a história;
- ordem perturbadora (conflito);
- resolução do problema;
- final.

3. Pré-projeto de práticas de letramento em sala de aula

Depois de vários estudos de contos, apreciação e correção de algumas reescritas, os alunos queriam produzir seus próprios contos, ou seja, autoprodução. Não havia como segurar mais, eles estavam se sentindo preparados. Havia muito que fazer quanto à ortografia e à gramática, mas já tínhamos por onde começar. O gosto pela escrita e pela leitura estava a todo o vapor.

Algumas observações para que essa produção possa ocorrer:

- organizar a sequência dos fatos de uma história;
- observar que existem espaços não apenas entre palavras como entre blocos (parágrafos);
- levar em conta palavras e expressões características do gênero (os contos de fadas se iniciam com “era uma vez”, “há muitos e muitos anos”, “em um tempo muito distante”, e são muito marcados pela presença de adjetivos; as fábulas sempre terminam com a moral da história etc.);
- utilizar uma linguagem mais literária;
- observar que para marcar diálogos utilizamos dois pontos e travessão (além disso, é comum aparecerem perguntas nesses diálogos, o que dá a chance de mostrar o uso da interrogação);
- levar em conta os destinatários reais, que não tiveram acesso ao texto-fonte; por isso a produção precisa ficar clara e coerente;
- revisar um texto com vistas em melhorá-lo, buscar sinônimos para repetições, corrigir concordâncias etc.

3.1. Sequência didática

Agora, sim, eles já podiam produzir seus textos:

- Hora da produção de um conto de forma individual:
 - elaborar um roteiro do que será escrito;
 - compartilhar os roteiros. Eu vou transcrever o roteiro feito pelo aluno DV, três a quatro roteiros para o braile; além de três a quatro roteiros para o aluno de baixa visão;
 - após compartilhar e apreciar os roteiros, os alunos escreverão o primeiro texto;
 - fazer, então, a avaliação individual da primeira escrita;
 - mapear as dificuldades ortográficas, para posteriormente trabalhá-las;
 - propor exercícios envolvendo as dificuldades mais presentes no grupo, com a intenção de saná-las;

- fazer uma leitura oral de todos os contos pela turma, em cima de um tapete (mágico), à sombra de uma árvore, fora da sala, com lanches e sucos.
- Avaliando o caminho percorrido:
 - pontos positivos;
 - pontos negativos;
 - foi possível ler e escrever com os colegas DV?; como isso aconteceu?;
 - o que representa a leitura e a escrita para você hoje?;
 - o que você aprendeu durante essa caminhada?;
 - o que você mais gostou de fazer neste projeto, até agora?

3.2. Gêneros envolvidos

- Digital – Durante a realização das pesquisas. Do *pendrive* para o audiolivro.
- Oral – Nas conversas e compartilhamento e na leitura dos contos em diversos momentos.
- Escrito – No reconto em grupo e na produção individual. Na análise escrita dos contos.
- Livro literário – Ida à biblioteca para encontrar livros de contos de fadas.
- Áudio – Na produção final do audiolivro.
- Convite – Para os pais e funcionários quando da apresentação do audiolivro. Convide também as turmas que tenham alunos DV.
- Científico – Nas informações de geografia sobre os continentes e nas de história quando for estudar os continentes que deram origem aos contos trabalhados.
- Artes – Elaboração de um livro tamanho “gigante” para os alunos de baixa visão.

3.3. Conclusão em construção

Há muito que fazer ainda. A caminhada é longa.

Agora, que os textos produzidos já possuem estrutura, os alunos compreendem que a escrita permite-lhes criar as mais fantásticas histórias, basta que se preocupem com a imaginação e organize-a em parágrafos, com pontuação e sequência de ideias.

Passemos para a correção dessa escrita. Para tanto, muitas conversas surgirão, muitos jogos, muita construção. E, enquanto isso, nosso áudio será ensaiado. Textos serão lidos, personagens terão voz, fatos se tornarão realidade. E uma certeza continuará sendo construída: basta dar oportunidade e trazer significado que a leitura e a escrita, que até então eram desprezadas, tomarão seu lugar na vida de cada aluno, e tanto no braille como no alfabeto convencional as crianças se sentirão possuidoras deste mundo que não é de fadas.

4. Referências bibliográficas

KLEIMAN, A. B. *Preciso ensinar o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?* Campinas: Cefiel/Unicamp; Brasília: SEB/MEC, 2005.

ROJO, R.; MOURA, E. (orgs.). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola, 2012.

PHILIP, N. *Volta ao mundo em 52 histórias*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1998.

CENPEC. "Oficinas – Letramento e alfabetização". Disponível em <www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/formacao/oficinas/artigo/1412/letramento-e-alfabetizacao>. Acesso em 30 de outubro de 2015.